

Memórias, resistências e ativismos transmasculinos no Ceará

ÉLIO CORIN LIMA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

INTRODUÇÃO

O mundo é composto de vários mundos. Alguns reais, outros em paralelos. Sinto como se, em grande parte da minha vida, eu tivesse vivido fora de mim, acatando dizeres sociais, normativos e performáticos. E, finalmente, o descobrir-se, o desvendar-se. Era como se um véu invisível cobrisse tudo aquilo que eu realmente era. Meu inconsciente, no entanto, ainda parecia ter um certo *delay* em relação ao que sou hoje: ainda sonho com pessoas me chamando pelo nome morto, ainda vejo o reflexo antigo no espelho onírico. Enfim, ainda preciso reafirmar que sou transmasculino.

Acontece que nasci invertido, ou melhor, já subvertido. Em natureza, eu era a inversão profana e não dita. O sexo que compunha minha carne ditava a configuração hormonal: peitos pontudos, dedos delicados, fluxo menstrual. Características associadas ao feminino. Mas, em corpo, eu era criatura: sem sexo, sem gênero. Com os hormônios, pude construir meu masculino a partir do meu feminino e isso, em nenhum sentido, significava ser “uma mulher que virou homem”. Significava ser transmasculino.

No início de minha transição, família e médicos me chamaram de louco, acometido por uma loucura que eles diziam precisar de cura. Repetiam que eu devia aceitar “ser mulher” e, caso não, deveria me submeter a procedimentos cirúrgicos para me afirmar “homem”. Acontece que aquilo que eu sentia se chamava **disforia**.

Paul B. Preciado — a quem dedico ávida leitura — escreve em *Dysphoria Mundi* que também é afetado “por um tipo de loucura bem particular que chamam de disforia” (PRECIADO, 2023, p. 17). Ele continua dizendo que essa disforia faz parte daquilo que ele é em substância, sendo dona de todas as suas células. Trazer seu pensamento para mim é um vestígio de minha autoafirmação e do meu desejo latente de me tornar um corpo possível e imaginável. De certa forma, transformar minha disforia em potência cognitiva e revolucionária é parte de minha missão enquanto ativista trans.

Digam-me o que lhes vem à mente ao pensar a palavra “transmasculino”. O vazio talvez seja a resposta mais tangível. Esse corpo não está presente no imaginário social, salvo exceções: no manicômio, como louco; ou no site pornográfico, como fetiche. Pouco se fala sobre o quanto o patriarcado, o racismo e o sexismo nos atravessam, uma vez que para

Memórias, resistências e ativismos transmasculinos no Ceará

ÉLIO CORIN LIMA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

pensarmos nosso corpo dentro de uma luta revolucionária, é preciso recorrer ao pensamento transfeminista e o pensamento radical trans, tendo em vista que o feminismo cisgênero não dá conta do que somos.

E, de fato, fomos inventados em algum momento da História, seja como invertidos seja como insanos. Nossa “loucura” precisava de cura. Daí os aparatos médico-jurídicos estabelecendo critérios de normalização de nossas identidades, fosse por hormônios, fosse por cirurgias. Nada disso são meras palavras. O poder reside na capacidade de construir o outro à imagem da norma. O critério era sempre o mesmo: para ser homem, é necessário ter pênis. Ademais, é importante afirmar que todas essas intervenções nunca nos tornaram isentos da marginalidade excludente e da transfobia mortífera.

Precisar entender quem eu era me fez compreender que meu corpo tem história, tragicamente mórbida, mas ainda sim, história. Nossos corpos foram inventados por quem detém o poder. Daí o esforço político de reinventar a narrativa, girar a roda mais uma vez, tomar aquilo que nos pertence e reacender a chama de uma revolução polimorfa, mesmo que esse fogo queime lentamente pelos próximos séculos.

Descobri que minha subjetividade política precisava nascer do coletivo, dos meus companheiros de luta. Eu precisava desvincular minha identidade do “homem” hegemônico e recriar toda a narrativa não a partir do poder, mas a partir dos desejos. Meu desejo sempre foi mover o mundo sensível para fazer o véu cair, tornando visível nosso corpo no mundo. A coletividade, nesse processo, aparece como ferramenta política de resistência, como aquilo que dá substância ao substantivo.

CRIAÇÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS DO IBRAT CEARÁ

Conheci em 2023 o IBRAT Ceará: organização política de homens trans e transmasculinos que se reúnem, se conversam, se afetam e trocam saberes trans. Com meus companheiros aprendi que estava tudo bem não “parecer masculino”; que os *binders* podiam ajudar nos dias difíceis de disforia; que alguns mijam em pé ou sentados; que a testosterona pode enlouquecer caso não haja acompanhamento; que o minoxidil pode te deixar peludo no corpo inteiro, menos no rosto. Mas, acima de tudo, aprendi que ser transmasculino é, com o

Memórias, resistências e ativismos transmasculinos no Ceará

ÉLIO CORIN LIMA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

próprio corpo, suscitar uma revolução a nível celular.

Soube então que o movimento transmasculino organizado no Brasil era recente. O Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), criado em 2013¹, é a primeira organização política nacional de ativismo transmasculino. Estando na organização cearense, comecei a refletir sobre algumas questões:

Já existiu movimento (des)organizado anterior a 2013?

1. Por que o movimento surge tão tardiamente?
2. O que propiciou sua organização política?
3. Quais são suas demandas?
4. O que nos torna transmasculinos?
5. Que termos nos nomearam no passado?
6. Temos passado? Temos futuro neste país?

Foi no IBRAT Ceará que conheci outros transmasculinos e pude me reafirmar como sujeito. Ideias surgiram sem parar. As palavras eram urgentes. Conheci Enzo Gomes, Fabian Algarte, Sillvyo Nóbrega, Michel Sampaio, Shay Luiz, Roger Saboia, Kaká Yonan, Bernardo Nataniel e tantos outros. Em maio de 2024, reunidos eu, Élio Corin (História), Michel Sampaio (Sociologia) e Shay Luiz (Geografia), fundamos o **Núcleo de Estudos e Pesquisas do IBRAT Ceará** - fruto de nossos anseios acadêmicos, políticos e filosóficos. Precisávamos da nossa ágora, um espaço afetivo para apontar lacunas e desobedecer em coletivo. Criar nossa micro-episteme. Éramos nós e nosso obstinado desejo de estudar, discutir, encontrar e criar nosso lugar.

Memórias, resistências e ativismos transmasculinos no Ceará

ÉLIO CORIN LIMA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Imagem 1: Shay Luiz, Élio Corin e Michel Sampaio (respectivamente) no dia 21 de maio de 2024, reunidos fundando o Núcleo de Estudos e Pesquisas (acervo do Núcleo)

Trazendo à tona nossos conceitos, fruto de nossas formações, pensamos no Núcleo como um espaço onde pudéssemos estudar juntos, trazendo de maneira central a questão transmasculina, assunto que particularmente sentimos falta mesmo nos textos e estudos a partir de uma abordagem transdisciplinar. Nosso corpo era marcado a partir da falta de vestígios, de documentos e de imagens. O esforço coletivo era absurdo pois nossa tarefa seria como dar uma volta e bagunçar a própria linha temporal.

Tínhamos como primeiras referências Jack Halberstam, Paul B. Preciado, Leonardo Tenório e Juno Nedel. Havia potência política em transmasculinos lerem autores queer juntos. Faltava políticas públicas, faltava produção de conhecimento transmasculino, faltava compreender as intersecções de gênero, raça e classe - pois ser um homem trans branco não era o mesmo que ser um homem trans negro, assim como a classe definia privilégios, inclusive o da passabilidade. Juntos, estávamos questionando as estruturas que sempre pareceram rígidas. E a alegria de falar e ouvir, saber que aquelas pessoas entendiam aquilo que eu falava, saber principalmente que aos poucos íamos criando um certo pertencimento coletivo.

Memórias, resistências e ativismos transmasculinos no Ceará

ÉLIO CORIN LIMA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

O Núcleo cresceu. Um novo membro entrou: Nick Soares, graduando em Letras. As reuniões aconteciam a cada 15 dias, no qual escolhíamos um livro ou artigo para a leitura coletiva, seguida de nossa discussão.



Imagem 2: Reunião online ocorrida no dia 01 de julho de 2024 (acervo do Núcleo)

Nessa reunião em específico, começamos a pensar em escritas coletivas e submissões para revistas. Na época havia um seminário em particular que estava aceitando trabalhos: o Seminário Latino-Americano de Transmasculinidades, organizado pelo IBRAT Nacional, Revista Estudos Transviades e a BRAVA. Na ocasião, eu escrevi um texto chamado “Revolução Sexual Oculta em Andamento”, submeti ele e apresentei em agosto.

Além das escritas coletivas, acreditávamos que seria necessário também algum registro da memória transmasculina no Ceará. Dessa forma, idealizamos o “1º Inventário de Narrativas Transmasculinas do Ceará”, cuja intenção era criar um formulário para envio de materiais de todo o tipo feito por pessoas transmasculinas no estado. A memória, o registro e os documentos eram nossa principal preocupação, visto que algo desse nível aparentemente nunca havia sido organizado de forma coletiva. O Inventário funcionaria como um arquivo vivo, além das obras de arte que seriam reunidas em drive para acesso coletivo. Tudo acontecia a nível bastante experimental. Recebemos quatro trabalhos naquele ano. Era pouco e, ao mesmo tempo, muito: era a abertura de um arquivo antes inexistente.

Memórias, resistências e ativismos transmasculinos no Ceará

ÉLIO CORIN LIMA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Imagem 3: Post de divulgação do 1º Inventário (acervo do Núcleo)

A partir do ano de 2025, assumi a coordenação do Núcleo, agora com novos membros, dentre eles estão: Lucas Kael (Fortaleza-CE) graduando em Serviço Social; Samuel Rodrigues (Crato-CE) graduando em Artes e Samuel Bitu (Iguatu-CE) graduando em Enfermagem.

Devido ao tempo de cada um, optamos por nos reunir uma vez ao mês. Nesse entretempo, lemos juntos “Manifesto Contrassexual” de Paul B. Preciado; “Transfeminismo, de Letícia Nascimento e “O cis pelo trans”, de Amara Moira. Em todas as discussões reaparecia a questão do apagamento transmasculino, quase como se isso fosse um projeto político de sociedade.

Algo extremamente sensível para mim foi nossa última reunião de 2025. No artigo “O cis pelo trans”, Amara Moira retoma o tema da loucura e afirma que existe sim uma parcela de loucura em nós, não porque sejamos intrinsecamente desviantes, mas porque vivemos uma vida tornada impossível pela repressão cotidiana que nos atravessa. Ela escreve que “a sociedade nos fazia doentes e talvez já seja hora de ela reconhecer sua parcela de culpa em nossa loucura, sua responsabilidade em não conseguir nos fazer segundo aquilo que nos criou para ser”

Memórias, resistências e ativismos transmasculinos no Ceará

ÉLIO CORIN LIMA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

(MOIRA, 2017, p. 367). Essas palavras nos golpearam com força. Recordamos que a origem de nossa “loucura” nunca esteve em nós, mas no mundo que nos nega a existência, que quer nos moldar e que nos quer “normais”.

O artigo de Amara Moira nos levou a pensar nas seguintes questões: onde estavam os espaços de produção de narrativas e estudos transmasculinos? Entendemos, dessa forma, que o meio acadêmico ainda era e é extremamente excludente e permanece com a fé na ideia de que o que temos a dizer não tem relevância social e política. A academia ainda é um lugar de privilégio para uma classe de pessoas que mal chega a terminar o ensino básico no Brasil. De fato, “onde há poder há resistência” (Foucault, 1977).

Ainda como extensão da nossa prática coletiva no Núcleo, decidimos dar continuidade ao inventário, agora sendo o “2º Inventário de Narrativas Transmasculinas do Ceará”. Dessa vez optamos por deixar o formulário mais tempo aberto, fazendo uma maior divulgação nas redes sociais. Nossa proposta futura seria organizar uma apresentação de trabalho e uma exposição com o tema “Transmasculinidades Polimorfas”.

ibrat

Prazo Prorrogado!

31/08

2º Inventário de Narrativas Transmasculinas no Ceará

Novo Prazo para enviar sua produção

Não deixe nossas histórias no silêncio. Participe!

Memórias, resistências e ativismos transmasculinos no Ceará

ÉLIO CORIN LIMA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Imagem 4: Post de divulgação do 2º Inventário (acervo do Núcleo)

Na edição de 2025, recebemos dez trabalhos, nos quais temos fotografias, obras de artes, performance teatral, poesias e trabalhos de conclusão de curso. Receber mais materiais naquele ano foi de uma enorme satisfação para nós. Eu particularmente, estando na coleta dos dados, contatei os autores dos envios e nisso fiz amizades, trazendo mais pessoas para se organizar no IBRAT, além de incentivar os demais membros a enviarem seus trabalhos.

A questão principal do Inventário hoje é a sua continuidade política, artística e filosófica, pois ele tem criado conexões inter-regionais entre nós que moramos entre a capital e os interiores. Nós enquanto Núcleo de Estudos e Pesquisas levamos para frente esse compromisso com a memória transmasculina no Ceará, para que mais de nós possamos falar e ter um lugar no qual sejamos ouvidos.



Imagem 5: Pintura de minha autoria “Hermafroditismo Originário”, 2025 (acervo do 2º Inventário)

Nossas últimas articulações políticas têm, portanto, nos rendido muitos frutos. Ainda em 2024, escrevemos uma declaração de compromisso para discutir as cotas trans na

Memórias, resistências e ativismos transmasculinos no Ceará

ÉLIO CORIN LIMA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Universidade Federal do Ceará, defendendo que pelo menos 5% das vagas fossem destinadas a pessoas trans. Hoje, eu integro o Grupo de Trabalho das Cotas Trans na UFC, levando as demandas do IBRAT e do Fórum Trans da UFC. E recentemente, no dia 28 de novembro de 2025, vivemos um marco histórico: a aprovação da política de cotas trans pelo Congresso Estatuinte da UFC. Esse momento, que para muitos poderia parecer apenas mais uma mudança institucional, para nós significa fissurar a História, abrir uma brecha concreta em um país que insiste em nos negar o futuro. A aprovação das cotas trans não é um ponto final, mas um lembrete de que nossas existências, antes apagadas, agora escrevem políticas públicas, disputam narrativas e constroem caminhos de acesso à educação.

Encerrar este relato é reconhecer que nossa luta não termina aqui. Ela se desdobra nos corpos que ainda virão, nos registros que seguimos criando, nas memórias que insistimos em preservar. Somos parte de uma revolução paciente e polimorfa, feita de pequenos gestos e grandes enfrentamentos. Se o mundo é composto de vários mundos, seguimos empenhados em garantir que o nosso não seja apenas imaginável, mas, finalmente, vivido.

REFERÊNCIAS:

¹<https://www.ibratnacional.com/sobre>

PRECIADO, Paul B. 2023. *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando*. Barcelona: Editorial Anagrama. 549 p.

MOIRA, Amara. O cis pelo trans. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365–373, jan./abr. 2017.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. M.T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977b.

Memórias, resistências e ativismos transmasculinos no Ceará

ÉLIO CORIN LIMA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 15 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025